

Resenhas

SCHNEUWLY, Bernard; **DOLZ**, Joaquim e colaboradores. *Gêneros Orais e Escritos na Escola*. Campinas: Mercado de Letras, coleção as faces da lingüística aplicada, 2004.

Ana Gabriela de Souza Seal*
& **Telma Ferraz Leal****

O livro é organizado a partir de uma coletânea de artigos publicados pelos autores e seus colaboradores à medida que buscaram retratar uma proposta de organização curricular para o ensino da língua francesa na Suíça Francófona. Foi dividido em três partes denominadas respectivamente: os gêneros do discurso e a escola, planejar o ensino de um gênero e propostas de ensino de gêneros. Centradas na perspectiva do texto enquanto meio de interação social e objeto de reflexão em sala de aula, as discussões focalizam o trabalho com os textos na escola tomando por base a idéia dos gêneros textuais sistematizada por Backhtin (1953/1979). Neste sentido, o texto é percebido a partir do seu funcionamento e de suas finalidades. Seu contexto de produção é, portanto, considerado no processo de ensino/ reflexão deste.

O gênero emerge enquanto instrumento que mobiliza os esquemas de utilização e aparece como um artefato material ou simbólico, na qual estão envolvidos o(s) sujeito(s) e a situação. Nessa relação está implicada a finalidade social do gênero e o processo de aprendizagem deste. Os autores chegam a considerar a metáfora de megainstrumento à medida que se percebe este incluso numa rede de outros megainstrumentos que contribuem para a sobrevivência social. Igualmente, os gêneros são classificados enquanto primários e secundários.

A esta última classificação, os autores relacionam à imediatez dos contextos de produção. Os primeiros se refeririam às situações mais espontâneas, aos segundos são exigidas produções mais rebuscadas, se concretizariam em contextos com maior grau de formalidade.

Para a proposta de organização curricular, os autores consideraram não só estes aspectos dos gêneros como procuraram agrupar a infinitude destes por suas características tipológicas predominantes, assim como pelas finalidades sociais e operações lingüísticas necessárias. Desta forma, foram sistematizados cinco ordens de agrupamentos: narrar, relatar, expor, descrever ações e argumentar. Schneuwly e Dolz discutem que para a proposta curricular, todas as ordens precisariam ser consideradas e trabalhadas já desde as séries iniciais.

A progressão curricular no ensino da língua *mâter* é tomada por base de uma proposta construída de acordo com a perspectiva do interacionismo instrumental. Esta considera fundamental não só propor atividades de leitura e produções textuais que considerem os contextos de produção, mas também a reflexão acerca do gênero utilizado. Diante desta proposição, algumas conseqüências são apontadas como ter uma visão global do que é preciso ensinar/ aprender, ou seja, os objetivos do ensino; possuir expectativas mínimas para o trabalho com grupos heterogêneos de alunos; antecipação dos obstáculos de aprendizagens; elaboração de situações de colaboração entre os alunos de mesmo ou diverso ciclo e trazer consigo a possibilidade da progressão no processo de socialização dos discentes. Claramente fica exposta

* Mestranda em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, e Formadora do Centro de Estudos em Educação e Linguagem – CEEL/UFPE.

** Professora do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino / Professora do Núcleo de Pesquisas em Didática

dos Conteúdos Específicos do PPGE/UFPE – Coordenadora do Centro de Estudos em Educação e Linguagem – CEEL/UFPE.

a idéia da escola como espaço de interações sociais, no entanto, como os gêneros circulam dentro e fora dela, o ensino destes precisar tomar ciência de todas as suas possibilidades de circulação. Isto requer considerar que ao incluir um gênero de circulação extra-escolar no espaço educativo este já é modificado em sua função e finalidade, apresenta-se enquanto um objeto de estudo necessário à aprendizagem dos discentes.

O ensino dos gêneros seria pensado e incluído no planejamento dos professores a partir de estratégias didáticas. Uma delas seria a seqüência didática. Esta se organizaria inicialmente a partir de uma apresentação da situação, na qual estaria em jogo a escolha de um gênero e mobilização dos alunos ao estudo deste. Tal momento implicaria a apresentação de uma problemática comunicacional bem definida. Este também se caracterizaria pela escolha dos conteúdos dos textos a serem produzidos. Posteriormente os alunos realizariam a Produção Inicial, ou seja, a produção textual que daria início a uma série de módulos em quantidades necessárias e definidas pelo professor acerca de um determinado aspecto a ser trabalhado de acordo com o gênero em exploração. O último momento é destinado à Produção Final, na qual os alunos seriam levados a resolver um outro problema, desta vez, utilizando todo o conhecimento produzido nos módulos.

Por todo o livro os autores retomam a organização do ensino de gêneros por seqüências didáticas e buscam dar maior visibilidade ao trabalho com os gêneros orais assim como aos pertencentes à ordem do argumentar.

Para o primeiro, são discutidas questões tanto de ordem procedimental e atitudinal (impostação da voz, aparelho vocalizador, dificuldades de exposições em público – das quais estrangulamento da voz, etc) como conceituais: implicações do ensino do oral para a língua escrita e vice-versa, relações de interdependência entre oral e escrito, variabilidade da linguagem oral. Para o trabalho com gêneros da ordem do argumentar, algumas preocupações no detalhamento do trabalho com estes gêneros através dos módulos giram em torno da estrutura discursiva, ou seja dos argumentos, modalizadores lógicos, conectivos, elementos coesivos, justificativas são considerados em boa parte da obra.

Por fim, à última parte do livro, as preocupações dos autores com o ensino dos gêneros orais e da ordem do argumentar tomam corpo nas propostas de ensino de gêneros, nas quais há os resultados positivos do trabalho com exposições orais e narrativas de enigmas. O primeiro permitiu aos alunos a elaboração anterior de um discurso a ser oralizado de forma monológica, a uma preparação à exposição individual. Quanto ao segundo os autores perceberam que os principais instrumentos metalingüísticos utilizados pelos alunos na construção da narrativa são os mesmos que os especialistas usufruem, apesar de considerar que para o ensino houve uma simplificação do gênero em vistas de sua acessibilidade. Ainda lançam uma discussão sobre uma proposta de seqüência didática acerca do debate público, na qual estiveram presentes algumas pontuações sobre a escolha das temáticas e a articulação dos conteúdos aos meios lingüísticos utilizados para sua socialização.

Resenhas

Ana G. de S. Leal
Telma F. Leal